

INTELECTUAIS E IDENTIDADE IBEROAMERICANA NO ALVORECER DO SÉCULO XX. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maria Emilia Prado *

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: emigrado@gmail.com

Recibido: 10 septiembre 2014 / Revisado: 5 octubre 2014 / Aceptado: 12 enero 2015 / Publicado: 15 febrero 2016

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar algumas reflexões feitas pelos intelectuais ibero-americanos sobre as implicações da herança ibérica na construção da identidade nacional desses países. Atenção especial será dada às reflexões feitas pelos intelectuais brasileiros das primeiras décadas do século XX, momento em que o tema da identidade nacional provocou um número cada vez maior de paixões, debates e reflexões.

Palavras-chave: Intelectuais, identidade nacional, herança

Abstract: The objective of this text is to present some reflections by ibero-american intellectuals about the implications of the Iberian inheritance in the construction of national identity of these countries. Special attention will be given to the reflections made by brazilian intellectuals of the first decades of the twentieth century, moment in which the theme of national identity has caused an ever greater number of passions, discuss and reflections

Keywords: Intellectuals, national identity, heritage

Na busca por definir identidade e potencialidade fez-se presente no debate intelectual desde os finais do século XIX¹. E

¹ Cf. Chiaramonte, José Carlos. *Pensamiento de la Ilustración*. Caracas. Biblioteca Ayacucho, 1979. Romero, José Luís. *Pensamiento político de la emancipación (1790-1825)*, Biblioteca Ayacucho Caracas:

a pouco e pouco alguns intelectuais passaram a defender a tese da necessidade de se extirpar a herança espanhola..., mas também a pré-colombiana. A dicotomia se estabelecia entre civilização (modelo anglo-saxão) e barbárie (América Hispânica). A chegada do ideário positivista contribuiu para “levar água” ao moinho dos defensores de que era imprescindível educar a população no trabalho e no esforço contínuo.

No Brasil os temas da integração e da identidade nacional passaram a receber destaque a partir da década de 1870, quando de modo mais sistemático o fim da escravidão tornou-se objeto de reflexão de políticos e intelectuais. Pouco a pouco a questão do passado colonial/ibérico encontrou espaço na agenda intelectual. Proclamada a república, em 1889, a denominada “questão nacional” foi objeto de inúmeros trabalhos, já que a integração continuava preocupando aqueles intelectuais voltados para analisar as razões do atraso do Brasil diante dos países europeus e/ou dos Estados Unidos.

Paulatinamente, os temas da identidade e da diferença tornaram-se cada vez mais presente no debate intelectual. E principiava-se um movimento voltado para a afirmação da identidade endógena, hispano-americana. E a publicação

1977; Villegas, Abelardo (org). *Antología del pensamiento social y político de América Latina*. Unión Panamericana, Washington: 1964; Romero José Luís. *Pensamiento político de la emancipación (1790-1825)*, Biblioteca Ayacucho, Caracas: 1977.

em 1900 da obra *Ariel*² do uruguaio Rodó³ inaugurou uma corrente de pensamento que teria importância crucial na América Ibérica, por colocar as questões da identidade e da cultura em primeiro plano e por reafirmar a superioridade da herança ibérica diante do modelo norte-americano. A partir de então, este tema passou a dominar o debate intelectual da primeira metade do século XX.

Para Rodó a América Latina não precisava importar o modelo anglo-saxão para se constituir como moderna. Ele considerava que ela era moderna, mas, de forma alguma havia semelhança com a modernidade norte-americana pela qual, aliás, Rodó não possuía nenhuma admiração. Recusava-se a ver, pensar e conceber a Ibero-América como uma área de atraso, como muitos intelectuais a desenharam, porque comparavam os progressos tecnológicos, a indústria e o ritmo da América do Norte com o da Ibero-América. Para Rodó, ao se colocar a América Ibérica no espelho dos Estados Unidos, a imagem refletida era a de uma região vibrante, repleta de luz e cor, com ricas tradições. E a América do Norte, por vez, era vista como árida, pois faltava alma, o espírito capaz de animar e dar vida ao corpo.

Contrariamente a corrente anti-ibérica que se consolidara na segunda metade do século XIX e que tinha em Sarmiento e Alberdi seus mais importantes representantes, Rodó, acreditava que criar este homem novo, só seria possível se isto estivesse ancorado na especificidade da

“latinidade”. Rodó construiu sua obra a partir da oposição travada entre Ariel e Caliban, ambos simbolizando duas facetas do espírito humano, representando a luz e a escuridão. Ariel seria a força do bem e da virtude, o império da razão e do sentimento, beleza e bom gosto. Ariel era, portanto, o espírito sereno, primoroso, presente em “A Tempestade” peça teatral de Shakespeare, o espírito da perseverança. Na obra de Shakespeare Ariel obedece a Próspero, que o tirou da escravidão e a quem deve, por isto, favores. Próspero exige de Ariel uma série de proações e de atitudes, que o vão levar a conquistar sua liberdade. Ariel não desiste em nenhum momento e com força de vontade executa todas as provas com o propósito libertário. Em contraposição a Ariel temos em “A Tempestade” o espírito que representa as forças menores, o lado mal, força destruidora da unidade da natureza humana e não disposto a alcançar as virtudes maiores da vida. Este é Caliban.

Isto não significa que Rodó objetivasse imbuir em seus leitores a caracterização da América como representando o espírito de Ariel em contraposição aos Estados Unidos que representariam Caliban. O que ele pretendia era incutir na Ibero-América as qualidades de Ariel. Pretendia incentivar a juventude hispano-americana a lutar pela América tal qual ela deveria se apresentar- respeito as suas tradições e raízes. Pretendia com isso, reanimar a consciência e recuperar o entusiasmo.

Já nos finais do século XIX assistiu-se a formação de um movimento de denúncia ante o modelo norte-americano. Buscava-se contrapor a este a tradição e a originalidade de uma “Raça” hispânica. José Martí⁴ insistira em *Nuestra*

² Rodó, José Enrique. *Ariel*. Editorial Cervantes, Madrid: 1926.

³ José Enrique Rodó nasceu em Montevideo – Uruguai- em 15 de julho de 1871. Iniciou, ainda jovem seu trabalho como colaborador na imprensa uruguaia e em 1895 fundou a Revista Nacional de Literatura y de Ciencias Sociales. Foi também redator no jornal *La Nación* de Buenos Aires. Em 1898 assumiu a cátedra de Literatura na Universidade de Montevideo. Entre 1902 e 1907 foi deputado pelo Partido Colorado. Morreu em Palermo – Sicília em 01 de Maio de 1917 quando exercia as funções de correspondente da revista argentina *Caras y Caretas*. Além de Ariel foi autor das seguintes obras: La novela nueva (1897), El que vendrá (1897), Ariel (1900), Liberalismo y Jacobismo (1906), Motivos de Proteo (1909), El mirador de Prospero (1913), El camino de Paros (1918) Nuevos motivos de Proteo (1927).

⁴ José Martí nasceu em Havana em 1853. Filho de pais espanhóis aos 16 anos publica seu primeiro livro- O Abdala. Martí envolveuse nas lutas pela independência de Cuba e foi condenado, mas, por problemas de saúde e graças a intervenção de sua mãe conseguiu ser deportado para a Espanha, onde publica Presídio Político em Cuba. Começa a articular com outros exilados o tema da independência em Cuba. Estudou na Universidade de Zaragoza onde em 1874 licenciou-se em Direito, Literatura, Filosofia e Letras. Em 1875 mudou-se para a França e de lá para o México. Voltou a Cuba em 1878, com o fim da Guerra dos Dez Anos, mas foi novamente deportado no ano seguinte por suas atividades revolucio-

*América*⁵, publicado em 1891, que a realidade latino-americana não devia ser vista com lentes estrangeiras. No Brasil Eduardo Prado⁶ publicava, em 1893, *A Ilusão Americana*⁷ onde opunha ao projeto de norte-americanização a reivindicação do ibérico. Sustentava que era preciso se rechaçar o que considerava ser fruto da loucura: a ideia de uma confraternização entre Brasil

nárias na chamada Guerra Chiquita, que durou até 1880. Vai para New York onde viveu entre 1881 e 1895. Neste período percebeu a urgência em formar uma identidade americana passando a utilizar a terminologia *Nuestra América*. No ano seguinte escreve – junto com o general Máximo Gómez, herói da independência – o Manifiesto de Monticristi, na ilha de Santo Domingo, onde propõe a guerra sem ódio. Volta a Cuba para articular a luta. A segunda etapa da guerra, iniciada em 1895, foi liderada por José Martí, Antônio Maceo e Calixto García. A luta ganhou força e fez com que os espanhóis buscassem soluções conciliatórias. José Martí morreu lutando em 19 de maio de 1895 após seu pequeno contingente de revoltosos deparar-se com as tropas espanholas no vilarejo de Dos Ríos. Foi mutilado e exibido à população. Foi sepultado em Santiago de Cuba.

⁵ Martí, Jose. *Nuestra América*. Biblioteca Ayacucho, Caracas: 2005.

⁶ Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu a 27 de fevereiro de 1860 em São Paulo. Filho de Martinho da Silva Prado e de Veridiana da Silva Prado de tradicional família paulista. Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Na época era colaborador assíduo do Correio Paulistano onde assinava artigos de crítica literária e política internacional. Durante algum tempo trabalhou como adido na delegação brasileira em Londres. Em 1886 publicou em Paris o livro *Via-gens*. Monarquista convicto tornou-se amigo dos escritores portugueses Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins. Com a proclamação da República no Brasil em 15 de novembro de 1889 passou a combater, em livros e jornais, os atos praticados pelo governo republicano sobre isto escreveu. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*. Colaborou, também, em *A Década Republicana*, obra em que colaboraram os mais destacados monarquistas brasileiros. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Combateu a ingerência dos Estados Unidos na América Latina, lançando um livro polêmico, *A Ilusão Americana*, cuja primeira edição, de 1895, foi apreendida pelo Governo brasileiro. Viveu em Paris, primeiro na Rua Casimir Perrier e depois na rue de Rivoli, e nos últimos anos de vida morou na Fazenda do Brejão, no interior paulista. Faleceu em 1901.

⁷ Prado, Eduardo. *A Ilusão Americana*. s/ed., Brasiliense, São Paulo, 1957.

e Estados Unidos. As visões e reflexões de Martí e Eduardo Prado caminhavam em sentidos bem diferentes. Ambos compactuavam, porém, a certeza de que os Estados Unidos e a Latino-América muito pouco tinham em comum e aquele não deveria ser modelo para esta.

O autor que nas primeiras décadas do século XX tratou, no Brasil, de modo mais sistemático o papel desempenhado pela colonização ibérica na construção da identidade cultural da América Latina foi Manoel Bomfim. Sua obra sobre esta questão é vasta e permaneceu durante longos anos praticamente desconhecida na linhagem do pensamento social brasileiro. Escrevendo ininterruptamente entre 1905, ano da publicação de *América Latina males de origem* até 1931/2, momento em que redigiu *O Brasil Nação*, Bomfim preocupou-se, incessantemente, com as questões pertinentes à modernização e integração nacional do Brasil e da América Latina. Nesse sentido, entender o papel exercido pela colonização do ponto de vista cultural foi parte importante de sua obra.

Voltando-se para os países colonizadores, Bomfim identificava neles os mesmos males que afetavam os países da América Latina. O mesmo atraso, “uma geral desorientação, certo desânimo, falta de atividade social, mal-estar em todas as classes, irritação constante e sobretudo uma fraqueza”⁸. Seria, portanto, na trajetória histórica da Península Ibérica que Manoel Bomfim procurou encontrar as razões da incapacidade latino-americana de compreender o sentido da modernidade. Estaria no modo como se constituíram os países ibéricos as razões para uma determinada prática de colonização que por aqui deitou suas raízes.

Para Portugal, afirmava, o Brasil e a África foram colônias que permitiram o exercício do sedentarismo. Do Brasil retirava os tributos, dízimos e monopólios, da África, o tráfico dos negros⁹. Como resultado do parasitismo favorecido pelas conquistas, deu-se na Espanha a formação de uma aristocracia do dinheiro, capaz de abafar o desenvolvimento normal da sociedade. Igualmente em Portugal a vida pro-

⁸ Bomfim, Manoel. *América Latina. Males de origem*. 4ª ed. Topbooks, Rio de Janeiro:1993.

dutiva estagnou e passou-se a viver dos lucros gerados nas colônias.

É preciso ressaltar, porém, que na mesma época em que Bomfim descrevia o Brasil como um país sem iniciativa, constituído por uma elite parasitária que vivia de explorar as riquezas naturais e para isto se utilizava do povo mantido inculto e pobre, outros intelectuais procuravam valorizar as riquezas do Brasil bem como os valores pertinentes à família e Igreja aqui plantados pelo colonizador português. Nesse sentido, cabe destacar a obra do conde de Afonso Celso¹⁰ *Porque me ufano de meu País*¹¹. Nesta obra o autor enaltecia a riqueza da formação cultural brasileira, bem como o papel desempenhado pelo colonizador para a construção dessa identidade caracterizada pela multiplicidade racial e cultural. O Brasil era, portanto, a terra abençoada por Deus que dele recebeu uma natureza privilegiada e repleta de recursos. *Porque me ufano de meu país* escrito em 1900 e publicado pela primeira vez em 1901, tornou-se uma espécie de "cartilha" de um nacionalismo ingênuo, que teve enorme influência entre a juventude, já que passou a ser adotado nas

¹⁰ Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior nasceu em Ouro Preto - Minas Gerais, em 31 de março de 1860. Filho do visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministros do Império, e de Francisca de Paula Martins de Toledo, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. cursou a Faculdade de Direito de São Paulo na qual colou grau em 1880. Defendeu na ocasião, a tese "Direito da Revolução". Casou-se em 1884 com Eugênia da Costa e em 1905 foi elevado à condição de Conde Romano. Foi eleito quatro vezes deputado geral por Minas Gerais. Com a proclamação da República, em 1889, abandonou a política e acompanhou o pai no exílio, que se seguiu à partida da família imperial para Portugal. Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, tendo colaborado durante mais de 30 anos no *Jornal do Brasil*. Escreveu também em outros jornais como: A Tribuna Liberal, A Semana, Renascença, Correio da Manhã e o Almanaque Garnier, divulgaram muitos de seus artigos.

De sua vasta obra merece especial destaque os seguintes livros: Oito anos de parlamento, Porque me ufano de meu país - título que gerou críticas e elogios e a popularidade da expressão "ufanismo". Faleceu em 11 de julho de 1939.

¹¹ Figueiredo Jr. Afonso Celso de Assis. *Porque Me ufano do Meu País*. Rio de Janeiro. Livraria Garnier, 8ª ed, 1920.

escolas. Recebeu inúmeras re-edições e como o título tão exemplarmente clarifica, o livro é uma exaltação das virtudes brasileiras. Não há preocupação em olhar para outros países nem tampouco em discutir, analisar ou compreender os significados do ideal civilizatório. Afonso Celso preocupou-se, através dos capítulos de sua obra, em demonstrar quais os fatores responsáveis pela grandeza do Brasil. O Brasil era apresentado como sendo o de um país marcado pela grandeza: território, povo, natureza, cultura e história. Uma combinação destinada a levar o país às maiores glórias e que teve como realizador a providência divina.

À natureza o autor dedicou inúmeros capítulos onde procurava demonstrar a superioridade do Brasil: a cachoeira de Paulo Afonso, o Amazonas, a baía de Guanabara, os minerais, o clima ameno, a ausência de calamidades para, a seguir, dedicar-se a descrever a superioridade da cultura brasileira e do seu povo. Assim, o heroísmo do povo, a grandeza da colonização portuguesa, a generosidade, doçura e acolhimento do povo e por fim os fatos históricos. O retrato do Brasil que surge da pena de Afonso Celso é de um país que reúne todas as características e se posto no espelho das nações sobressair-se-ia como o mais grandioso dentre todas as nações.

As primeiras duas décadas do século XX assistiram a outras reflexões centradas no tema da identidade nacional tanto no Brasil como na América Hispânica onde em torno da obra de Rodó se constituiu o que se convencionou denominar o "circuito arielista", resultado da enorme influência exercida por ele sobre a geração de 1900. As obras publicadas pelos intelectuais integrantes desta geração não eram, necessariamente, continuidades de Ariel, nem tampouco possuíam o sentido poético e mítico da obra de Rodó. Mas, esta se constituiu como chave mestra e Ariel passou a ser visto como um símbolo que catalisou um conjunto de inquietudes. Para Alfonso Reyes¹², por exemplo,

¹² Alfonso Reyes nasceu em Monterrey em 1889 e faleceu na Cidade do México, 1959). Crítico, ensaísta e poeta. Como resultado da Primeira Guerra Mundial, mudou-se para Espanha, onde ele dividia o trabalho e experiências com Juan Ramon Jiménez, José Ortega y Gasset y Ramón Gómez de la Serna. Entre seus livros estão *As questões Gongora* (1927), *Experiência literária* (1942), *O limite* (1944) e *Obras e os dias* (1946).

a obra de Rodó contribuiu para dar aos jovens intelectuais hispano-americanos um sentimento de solidariedade e de fraternidade com “Nuestra América”. Francisco García Calderón¹³, também afirmava que o início do século XX foi o palco de uma profunda transformação no campo das ideias e citava Rodó como um dos mestres da mudança.

O século XX principiou do ponto de vista do pensamento hispano-americano com a obra de Enrique Rodó. *Ariel* era um manifesto anti-utilitarista que enaltecia a cultura e o sentimento em detrimento de um calibanismo positivista e norte-americano que achatava os seres humanos. O projeto que subjaz de Ariel diz respeito à construção de um modelo de reivindicação e exaltação da maneira própria de ser latino, que se caracterizava pelo bom gosto artístico e a delicadeza de costumes. De fato, as primeiras décadas do século XX em toda a denominada América Latina o tema da identidade colocava-se como dos mais importantes na definição do impasse acerca da questão nacional.

Afirmando a diferença diante da Europa e dos Estados Unidos, reafirmando a importância das heranças ibérica e/ou, indígena, os intelectuais Os intelectuais refletiam acerca dos caminhos possíveis para a construção na América Latina de sociedades integradoras, apesar das enormes diferenças de concepções entre eles a este respeito.

Na Argentina, por exemplo, o tema da *identidade nacional* ocupou, no início do século XX, boa parte dos escritos de José Ingenieros¹⁴,

¹³ Francisco García-Calderón Landa nasceu em Arequipa/Peru em 2 de abril de 1834 e faleceu em Lima, Peru em 21 de setembro de 1905. Foi jurista, militar, político tendo sido presidente do Peru de março a novembro de 1881. Foi também Reitor da Universidade Nacional Mayor de San Marcos, onde buscou resolver aos problemas culturais da Universidade.

¹⁴ José Ingenieros era médico/psiquiatra, psicólogo, escritor e sociólogo. Em 1892, após ter finalizado seus estudos secundários, fundou o periódico *La Reforma*. Em 1903 a Academia Nacional de Medicina o premiou por *Simulación de la locura* (sequência de sua tese editada em livro). Convertiu-se em destacado membro da Cátedra de Neurología a cargo de José María Ramos Mejía e no Servicio de Observación de Alienados de la Policía de la Capital, do qual

intelectual nascido em Palermo, Itália em abril de 1877 e falecido em Buenos Aires em outubro de 1925. Seus escritos e suas ideias tiveram grande impacto no ensino universitário na Argentina e obtiveram adesão entre a juventude latino-americana, especialmente entre os estudantes que protagonizaram a Reforma Universitária de 1918. Sua preocupação no tocante a questão da identidade nacional estava dirigida para a busca de caminhos capazes de possibilitar a Argentina se tornar uma nação intelectual e culturalmente viva. Defendia Ingenieros que a Argentina deveria ter uma produção intelectual própria, livre dos cânones europeus e voltada para os problemas nacionais. Criticava a clivagem então existente entre o povo de um lado e oligarquia de outro. Uma cultura nacional seria o veículo mais eficiente de integração nacional.

A integração proposta por Ingenieros não objetivava atingir o conjunto das instituições. Ele não pretendia qualquer tipo de reforma nos níveis das instituições do Estado, tampouco preconizava reformas sociais. Uma vez que a Argentina já apresentava graus bastante satisfatórios de integração nacional tantos no tocante à questão do trabalho quanto à educação, saúde etc... Dessa forma a questão nacional estava referida para Ingenieros à necessidade de redefinição da identidade nacional. Era imprescindível a produção de uma cultura endógena e para isto dava a Universidade papel central nesse processo. A ela caberia se tornar um veículo de integração nacional e por esta razão deu ao movimento estudantil papel de destaque. Aliás, ressaltou-se que foi Ingenieros o primeiro intelectual a dar enorme importância ao movimento estudantil. Para ele os estudantes não se constituíam num segmento puramente passivo, meros ouvintes dos professores. Ao contrário, tinham papel proeminente na construção de uma cultura nacional independente.

chegou a ser seu diretor. Entre 1902-1913 dirigiu os arquivos de Psiquiatria e Criminologia e assumiu o cargo do Instituto de Criminologia da Penitenciaria Nacional de Buenos Aires, alternando seu trabalho com conferências em universidades européias. Seus ensaios sociológicos, *El Hombre Mediocre* e ensaios críticos e políticos, como *Al margen de la ciencia*, *Hacia una moral sin dogmas*, *Las Fuerzas Morales*, *Evolución de las ideas argentinas* e *Los Tiempos Nuevos*

A questão da integração nacional para Engenheiros passava, portanto, por questões bastante diversas daquelas que inquietavam outros intelectuais latino-americanos que escreviam à mesma época. Quando ele defendia a necessidade de uma produção cultural endógena como fator de integração nacional, ele se referia a um país, a Argentina, que apresentava diferenças extremamente significativas frente aos demais países da região. País como baixo grau de miscigenação étnica, fator este que por sua vez foi decisivo para a existência de enorme dificuldade para definição da identidade cultural. A Argentina debatia-se para se definir como um país latino-americano de pleno direito ou um enclave europeu na América Latina.

Ingenheiros ao longo de sua obra defendia a importância de um pensamento endógeno e assim o fazia porque para ele até então as Universidades atuavam como simples receptoras, que nada produziam. Não havia, assim, uma cultura nacional. Os argentinos eram um povo instruído, mas, e a cultura endógena, como ficava?

No Brasil a desilusão com a experiência republicana que manteve a exclusão social herdada dos tempos monárquicos, ocupou parte das reflexões intelectuais. Integração nacional e identidade nacional foram temas que se fizeram presente no debate intelectual. A década de 1920 foi um momento bastante decisivo de transformação da vida política e cultural, uma vez que a sociedade passou por um processo caracterizado pela aceleração das atividades industriais nos principais centros urbanos do país: São Paulo e Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo as cidades começavam a ganhar importância rompendo, ainda que muito lentamente, a supremacia da vida rural. No campo intelectual, este foi um momento caracterizado pelo incremento das interpretações em torno da questão da identidade cultural. Em meio a este cenário, destacam-se as reflexões feitas por Oliveira Vianna¹⁵, esboçadas em sua obra *Popu-*

lações Meridionais do Brasil,¹⁶ onde apontava para a necessidade valorização do passado bem como para a contribuição da colonização lusitana, indicando a necessidade de se promover a modernização econômica e social do Brasil a partir da valorização dos traços culturais herdados do período colonial. Em caminho oposto situa-se a obra de Paulo Prado¹⁷ *Retrato do*

dionais do Brasil - publicado em 1920. A partir da publicação do seu primeiro livro em São Paulo, sob os auspícios de Monteiro Lobato, tornou-se conhecido nacional e internacionalmente. Sobre o primeiro volume de *Populações meridionais do Brasil* escreveu o argentino José Ingenieros: "Pelo seu método, pelas suas ideias, pela sua erudição, tem-me parecido uma das obras mais notáveis no gênero que até agora foi escrita na América do Sul". Publicou a seguir os seguintes livros: *O idealismo da Constituição* (1920), *Pequenos estudos de psicologia social* (1921), *Evolução do povo brasileiro* (1923), *O ocaso do Império* (1925), *Problemas de política objetiva* (1930), *Formation ethnique du Brésil colonial* (1932), *Raça e assimilação* (1932). Depois da Revolução de 1930, Oliveira Vianna tornou-se consultor da Justiça do Trabalho, publicando, ainda: *Problemas de direito corporativo* (1938), *Problemas de direito sindical* (1943) e a coletânea de ensaios intitulada *Direito do trabalho e democracia social*. Outros escritos foram: *Instituições políticas brasileiras* (1949), *Problemas de organização e problemas de direção* (1952), *Introdução à história social da economia pré-capitalista no Brasil* (livro publicado postumamente em 1958). Foi membro correspondente de diversas entidades culturais, como: Instituto Internacional de Antropologia, Sociedade dos Americanistas de Paris, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Academia Portuguesa de História, União Cultural Universal de Sevilha, Academia de Ciências sociais de Havana, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, etc.

¹⁶. Cf. Oliveira Vianna, Francisco J. de. *Populações Meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987, 2 V

¹⁷ Paulo da Silva Prado (São Paulo, 20 de maio de 1869 - Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1943) descendente de uma das mais influentes famílias paulistas, filho primogênito do conselheiro Antônio Prado, foi como seus antepassados e parentes, cafeicultor, investidor em negócios (bancos, indústrias, imobiliárias) e também mecenas e escritor. Formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco, graduou-se em 1899. Não chegou a exercer a profissão e pouco depois de formado, com o advento da república, estabeleceu-se em Paris na casa do tio Eduardo Prado. Frequentou as cortes europeias e o meio intelectual tornou-se amigo de Eça de Queirós.

¹⁵ Francisco José de Oliveira Vianna nasceu em Squarema, (RJ) em julho de 1883 e faleceu em Niterói em março de 1951. cursou a Faculdade de Direito, bacharelando-se em 1905. Através da atividade jornalística entrou em contato com Alberto Torres de quem recebeu forte influência intelectual para escrever o seu primeiro livro, *Populações meri-*

Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira,¹⁸ tentativa de análise dos males oriundos da herança portuguesa, situando-os no terreno da psicologia e da cultura.

As análises de Oliveira Vianna distanciavam-se das de Bomfim acerca do legado lusitano. Embasadas nos referenciais da Sociologia bem como do historicismo alemão, Oliveira Vianna era leitor das obras de Sombart e Weber, e estruturou o conjunto de sua obra utilizando a metodologia de pesquisa própria da Sociologia alemã. Suas análises pretendiam abarcar o conjunto da estrutura social brasileira para, a partir do entendimento do modo como se estruturou essa sociedade, propor os meios necessários a torná-la uma nação moderna. Considerando a sociedade brasileira na sua condição de colônia e ressaltando o papel dos traços culturais ibéricos herdados de Portugal, buscava realizar seu diagnóstico sobre o Brasil buscando compreender a estrutura social e política que se construiu no Brasil a partir do processo de colonização. Inicialmente, é preciso ressaltar que Oliveira Vianna se recusava a aceitar que a importação de modelos políticos e/ou jurídicos pudesse contribuir para tornar o Brasil um país moderno. Ao contrário, acreditava que as soluções para o Brasil deveriam ser buscadas a partir da análise da sociedade brasileira, na sua condição de colônia e sem deixar de considerar os traços culturais ibéricos herdados de Portugal.

Na Europa aprimorou sua formação intelectual, frequentando livrarias e se interessando pelas novidades no terreno das ideias. Em 1897 retornaria ao Brasil, atendendo à solicitação de seu pai para exercer as funções de gerente na firma Prado, Chaves & Cia. A partir de então, sua atividade profissional foi dirigida para o trabalho nesta empresa, na qual ocupou diversos cargos em sua diretoria. O modernismo brasileiro muito deve à atuação francamente anticonformista de Paulo Prado. Foi um importante mecenas na história do Brasil, grande incentivador da cultura, e também poeta. Teve participação fundamental junto com sua esposa, Marinette Prado na Semana de Arte Moderna de 1922. Também a ele, embora acompanhado de um grupo grande de adeptos da inovação, se deve a fundação de Sociedade Pró-Arte Moderna - SPAM, ocorrida em 1932 mal terminado o Movimento Constitucionalista.

¹⁸ Prado, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Dessa maneira, a Oliveira Vianna interessava compreender o tipo de unidade da estrutura social, ou seja do indivíduo que existe na sociedade brasileira. É a família extensa que dá este matiz de clã, de uma estrutura patriarcal ou senhorial que está na base das observações de Oliveira Vianna. O que decorre da existência de uma estrutura social baseada no elemento clânico, senhorial, ou familiar? Decorre em primeiro lugar, a tendência a que essa estrutura social se incline para uma vertente doméstico-privatista, ou seja, que os elementos de controle social existam dentro do próprio clã ou da própria família extensa. A obediência é de tipo tradicional. Ela não decorre do tipo de obediência encontrada numa sociedade industrial moderna, a obediência advinda do cálculo. Dessa maneira, a função do domínio rural teria sido a de estruturar o caos colonial. Sob o Na medida em que a estrutura política brasileira era dominada ainda pelo “espírito do clã” e pelo “localismo”, tornava-se impossível, para Oliveira Vianna, a aplicação a esta sociedade do receituário liberal importado da Europa e/ou dos Estados Unidos¹⁹.

O que apresenta como única possibilidade para a resolução da problemática brasileira no tocante à organização política é um processo de transferência de lealdades, antes alocadas nos poderes locais para o poder central. Livre das estruturas tradicionais o indivíduo entrega as suas lealdades ao Estado. O indivíduo até então preso a essas estruturas tradicionais, uma vez liberado delas pela ação de um poder central forte, tenderá a canalizar as suas lealdades a este mesmo poder central.

Paulo Prado, por sua vez, redigiu *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*, em meio ao ambiente intelectual paulista dominado pelo modernismo e pelos modernistas. Não é possível, no entanto, caracterizar Prado como sendo um deles. Ele não o era. Ainda que tivesse convivido com Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Tarsila do Amaral e toda a plêiade de modernistas.

¹⁹ Cf. Oliveira Vianna, Francisco J. de. *Populações Meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987, 2 V.

Erudito, amante das letras e das artes, Paulo Prado buscou direta ou indiretamente se fazer presente no cenário intelectual brasileiro. Aproximou-se do historiador Capistrano de Abreu de quem se tornou amigo e sincero admirador. Juntamente com Monteiro Lobato dirigiu a *Revista do Brasil* entre os anos de 1923 e 1925 e com Mário de Andrade e Alcântara Machado a *Revista Nova*, entre os anos de 1931/32. Redigiu inúmeros prefácios e foi considerado por Mário de Andrade o grande impulsionador da *Semana de Arte Moderna*.

De certo que Paulo Prado não era um modernista, mas não poderia deixar de se impregnar pelo espírito da época. Dessa forma, buscava como os modernistas, produzir uma obra cuja finalidade fosse compreender e interpretar o Brasil. Publica, assim, em 1928, o seu *Retrato do Brasil* que sucedeu *Paulística*, editado em 1925. Para Prado, a tristeza era o traço definidor do caráter brasileiro. Na realidade, pode-se compreender essa tristeza não apenas como sendo um estado d'alma, mas, sim a representação da ausência, na sociedade brasileira, do espírito empreendedor que caracterizava os povos anglo-saxões.

Prado procurou desvendar no caráter do povo e nos traços históricos a razão para a existência dessa tristeza, tão impeditiva do empreendimento. Dividido em quatro capítulos, o autor obra discorreu sobre a luxúria, a cobiça, a tristeza e o romantismo com um post-scriptum conclusivo. Creditava à colonização portuguesa a presença dessa tristeza que caracterizava o brasileiro. Na trilha aberta por Manoel Bomfim a obra de Prado detinha-se, também, numa análise meticulosa dos traços culturais implantados pelo colonizador.

Retrato do Brasil apresentava-se como uma leitura extremamente crítica e pessimista da sociedade brasileira, escrita por um integrante da elite política, social e intelectual. A obra foi duramente criticada à época do seu lançamento, de modo que o ambiente intelectual lhe bastava hostil. O retrato pessimista do Brasil traçado por Paulo Prado era mais uma tentativa de entender as razões do nosso atraso diante das nações civilizadas que Prado tão bem conhecia. O retrato da colonização que surgia da pena de Paulo Prado era extremamente crítico para com a metrópole e o colonizador.

A tristeza grassava, no entender de Paulo Prado. Essa característica da alma brasileira interditava que se pudesse aqui estabelecer o espírito dos novos tempos: o empreendimento. Falava mais alto o empresário Paulo Prado. Um empresário com alma de diplomata, um empresário com uma visão cosmopolita, vivendo na cidade capital do estado que se apresentava desde muito como a locomotiva brasileira. A capital do progresso, um estranho progresso centrado na produção e exportação de café. Este mesmo café que propiciou a abertura das estradas de ferro, o incremento do Porto de Santos e a chegada de imigrantes. Fomentou o processo industrial da cidade de São Paulo ao qual se somaram os imigrantes que para ela se dirigiram saídos das lavouras ou não.

Percebia os brasileiros como sendo um povo submisso e débil. Destituído do vigor que caracterizava os povos empreendedores. Creditava parte dessa característica ao colonizador que para aqui veio carregando o sonho do retorno e a saudade da pátria. "O português transplantado só pensava na pátria d'além mar: o Brasil era um degredo ou um purgatório"²⁰. O retrato que traçara do Brasil era mais que triste, era amargo. Paulo Prado ressaltava as marcas que este passado colonial deixou no Brasil e via nelas uma barreira difícil de ser transposta e principalmente derrubada.

Diferentemente de Oliveira Vianna que pretendeu apresentar um diagnóstico da sociedade brasileira com a finalidade de apontar as mudanças necessárias para transformar o Brasil numa nação moderna, Paulo Prado apenas se preocupava em retratar as características psicológicas da sociedade brasileira, buscando compreender suas raízes. Em um e noutro autor, o colonizador português e a colonização tiveram papel preponderante. Não se trata aqui de ressaltar erros ou acertos nas análises feitas por esses dois intelectuais, mas apenas ressaltar a riqueza da produção intelectual brasileira direcionada para a compreensão da identidade nacional brasileira.

O século XX principiou, do ponto de vista do pensamento hispano-americano, com a obra de Enrique Rodó. *Ariel* era um manifesto anti-utilitarista que enaltecia a cultura e o sentimen-

²⁰ Ibidem, p. 145.

to em detrimento de um calibanismo positivista e norte-americano, que achatava os seres humanos. O projeto que subjaz de *Ariel* diz respeito à construção de um modelo de reivindicação e exaltação da maneira própria de ser latino, que se caracterizava pelo bom gosto artístico e a delicadeza de costumes. De fato, as primeiras décadas do século XX em toda a denominada América Latina os temas da identidade e da questão nacional propriamente dita passaram a estar no centro das reflexões. Afirmando a diferença diante da Europa e dos Estados Unidos, reafirmando a herança ibérica ou a herança endógena, indígena em sua maior parte, os intelectuais buscavam os caminhos possíveis para a construção em seus países de sociedades integradoras e menos marcada pela desigualdade. Procurando encontrar no Estado, nas elites ou mesmo no povo os possíveis responsáveis pelo atraso econômico, tecnológico, social etc.. o pensamento latino-americano dedicou-se à busca por alternativas capazes de fazer frente as desigualdades geradas pelo processo colonial a que toda a região foi submetida por três séculos.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Evaldo. *Oliveira Vianna e o Estado Corporativo (um estudo sobre corporativismo e autoritarismo)*. Grijalbo, São Paulo:1976.
- ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera e MORAES, Reginaldo (org.). *Inteligência Brasileira*, Brasiliense, São Paulo:1986.
- ARDAO, Arturo. *La inteligencia latinoamericana*. Universidade de La República, Montevideo:1987.
- BARBOZA FILHO, RUBEM. *Tradição e Artífício. Iberismo e Barroco na Formação Americana*. IUPERJ, Rio de Janeiro: 2000.
- BASTOS, Élide Rugai. e MORAIS, João Quartim de (orgs). *O pensamento de Oliveira Vianna*. editora da UNICAMP, Campinas: 1993.
- CRIPA, Adolpho. (org)). *As ideias políticas no Brasil*. Convívio ed, São Paulo:1979.
- ALBERDI, Juan Bautista *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina*. Biblioteca Clásicos Argentinos, Buenos Aires: 1946
- BOMFIM, Manoel. *América Latina. Males de origem*. 4ª ed. Topbooks, Rio de Janeiro:1993.
- CALDERÓN, Francisco Garcia "las corrientes filosóficas en la América Latina". *En torno al Perú y América*. J. Mejia Baca, Lima: 1954.
- CHIARAMONTE, José Carlos. *Pensamiento de la Ilustración*. Biblioteca Ayacucho, Caracas: 1979.
- DAVIS, Harold E. *Latin American Thought. A Historical Introduction*. Free Press, New York: 1974.
- DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*, 3 v. Editorial Biblos, Santiago: 2003.
- FIGUEIREDO JR. Afonso Celso de Assis. *Porque Me Ufano do Meu País*. Livraria Garnier, 8ª ed, Rio de Janeiro: 1920.
- GOMES, Ângela de Castro. "A ética católica e o espírito do pré-capitalismo". *Ciência Hoje*. 1989, 9(52):23-8.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de *Raízes do Brasil* 4ª ed. Universidade de Brasília, Brasília, 1963.
- JALIF, Clara. *Semillas en el Tiempo. El latinoamericanismo filosófico contemporáneo*. EDIUNC, Mendoza: 2001.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. UNESP, São Paulo:2003.
- MARICHAL, Juan. *Cuatro fases de la historia intelectual latinoamericana (1810-1970)*., Fundación Juan March, Madrid:1978.
- MARTI, José. *Nuestra América*. Biblioteca Ayacucho, Caracas: 2005.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *Um imenso Portugal. História e historiografia*. Editora 34, São Paulo:2002.
- MORAES, Reginaldo, ANTUNES, Ricardo e FERRANTE, Vera. (orgs.) *Inteligência Brasileira*. Editora Brasiliense, São Paulo:1986.
- MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero. Cultura e Ideias nas Américas*. Trad., Cia das Letras, São Paulo:1987.
- MOTA, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos 2 v.*, Editora SENAC, São Paulo:1999 e 2002.
- PONCE, Aníbal. "Para una historia de José Ingenieros", In *Obras Completas de Aníbal Ponce*, Yunque, Buenos Aires:1974,p.139-210.
- PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana*. s/ed., Brasiliense, São Paulo:1957.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira*. 4ª ed.Cia das Letras, São Paulo:2001.
- QUEIROZ, Paulo Edmur de Souza. *A sociologia política de Oliveira Viana*. Convívio, São Paulo: 1975.

- REYES, Alfonso. *Pasado inmediato e otros ensayos*. Colégio de México, México: 1941.
- RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Editorial Cervantes, Madrid: 1926.
- ROMERO, José Luís. *Pensamiento político de la emancipación (1790-1825)*, Biblioteca Ayacucho Caracas: 1977.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*. Duas Cidades, São Paulo:1978.
- VIANNA, F. de Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*, 2 V. Itatiaia, Niterói, Belo Horizonte: Ed UFF, Niterói: 1987
- VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. 2 v. Itatiaia, Belo Horizonte: Eduff, Niterói: 1987.
- VIANNA, Luís Werneck Vianna. *A revolução passiva*. Revan, Rio de Janeiro,1997.
- VILLEGAS, Abelardo (org). *Antología del pensamiento social y político de América Latina*. Unión Panamericana, Washington:1964.